

Gravidez e sexualidade: a vivência de mitos e tabus. Relatos de homens e mulheres* 1

Maria Alves de Toledo Bruns**
Vera Maria Alves Pereira***

RESUMO

Mitos, valores morais e culturais influem no ânimo da mulher (e do homem) no período da gestação, provocando inquietações acerca do vivenciar da sexualidade tanto de mulheres como de homens durante este período. O objetivo desta pesquisa foi compreender como homens e mulheres experienciam seu relacionamento afetivo e sexual durante a gravidez. Para este estudo foram entrevistadas dez mulheres grávidas de 18 a 33 anos e dez homens, cujas parceiras (namoradas e esposas) estavam grávidas, com idade entre 21 e 33 anos. Não foram entrevistados necessariamente casais.

Utilizamos a entrevista gravada com cada um dos informantes como recurso para se registrarem os depoimentos. Tendo em vista a análise dos discursos elegeu-se a metodologia qualitativa fenomenológica e, para

* Pesquisa financiada pela FAPESP.

** Doutora em Psicologia Educacional, especialista em Sexualidade Humana. Docente do curso de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP.

*** Psicóloga formada pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP.

Recebido em 08.10.00

Aprovado em 24.10.00

embasar as análises realizadas, optou-se pelo referencial teórico do fenomenólogo Martin Buber, o qual diz que a pessoa expressa-se ao mundo de duas maneiras básicas: EU-TU – relacionamento existencial genuíno entre parceiros, e EU-ISSO – forma superficial e impessoal de relação.

Entre as mulheres desvela-se, no período da gestação, uma diminuição do desejo sexual, associada a um conflito entre o ser mãe e o ser mulher. Já para os homens, o desejo persiste, mas há uma sutil obrigatoriedade em aceitar as modificações do intercurso sexual, assim como da expressão do seu erotismo.

Permeando esse quadro, um silêncio instala-se entre os casais, caracterizado pelo distanciamento do ato de envolver-se. Desse modo, a intimidade e a cumplicidade não ocorrem. Esse modo de ser revela a dificuldade que possuímos em lidar de modo prazeroso e sem culpa com nossa sexualidade. Resgatar o diálogo, a intimidade, são caminhos que podem viabilizar a vivências de relacionamentos autênticos.

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez; erotismo; maternidade; fenomenologia.

As mulheres têm conquistado um maior reconhecimento no que diz respeito ao seu papel na sociedade. Com uma maior participação no mercado de trabalho, na política e na economia, vêm adquirindo, de igual modo, uma maior liberdade sexual, graças ao uso de pílulas anticoncepcionais e o acesso a informações mais abertas e menos sufocadoras.

Contudo, ainda persiste um certo conservadorismo em relação à sexualidade humana que acaba por manter vivos mitos e tabus os quais, materializados em práticas morais, interferem na expressão da sexualidade de homens e mulheres. O diálogo acerca do erótico, do desejo, da satisfação sexual, das fantasias sexuais e da pornografia é sempre deixado para “um momento mais oportuno”, ou seja, para um intencional “depois”, no dia-a-dia.

Dessa forma, preceitos morais, religiosos, políticos e/ou econômicos propuseram uma visão dualista, tanto separando os prazeres espirituais dos prazeres do corpo – tidos como proibidos; como também criando uma moral para os homens e outra para as mulheres, as quais ocupavam uma posição submissa aos homens nos vários setores tanto da vida privada como na vida pública. Além disso, o histórico das relações inter-humanas revela os mecanismos de repressão sempre presentes, constantemente interferindo no modo de o erotismo expressar-se no universo das relações conjugais.

Por perspectiva, no decorrer da história de vida das pessoas, uma série de idéias, crenças, valores, mitos e informações, verídicas ou não, lhes são transmitidos. Assim, a bagagem cultural que recebemos desde tenra idade acerca do modo de expressarmos a nossa sexualidade está introjetada em nós e se faz presente nos relacionamentos afetivos e sexuais. Nos dizeres de

ALBERONI (1988), esta interferência está associada à visão de imoralidade acerca do erotismo que deriva do choque com os deveres sociais e responsabilidades do trabalho.

De acordo com esse autor, o sentido do erotismo dá-se de maneira diferente para os homens e para as mulheres. O erotismo feminino caracteriza-se pela necessidade da presença amorosa contínua de seu parceiro, da continuidade do desejo, da atenção, da paixão, do cuidado. Já no erotismo masculino há uma preferência profunda pela descontinuidade do prazer sexual. As fantasias eróticas masculinas possuem algo antagônico ao compromisso, à responsabilidade, ou seja, há um anseio inquieto de liberdade.

Para CHAUI (1984), o termo repressão sexual diz respeito ao sistema de normas, regras, leis e valores explícitos ou implícitos que uma sociedade estabelece no tocante a permissões e proibições a práticas sexuais. Dependendo de como essas interiorizações foram incorporadas, podem também atuar no sentido de modificar a expressão do desejo, cuja linguagem é a manifestação da sexualidade durante toda a vida.

A sexualidade humana, além de sua função natural – a reprodução – também traduz uma busca psicológica. É uma linguagem própria do homem, pela qual é possível comunicar-se com o outro.

A sexualidade aparece, então, como expressão de intimidade e desejo, indo muito além da genitalidade, como um constructo simbólico cultural.

Em razão desses valores da cultura e da sociedade, o controle exercido sobre a sexualidade nem sempre é saudável e consciente. O sexo passa a ser vivido, muitas vezes numa relação ambígua de atração e repulsão, desejo e culpa e poderá ocasionar angústia intensa em razão da vivência destes conflitos experienciados pelo indivíduo, em especial, com relação aos próprios familiares.

Diante deste legado a respeito da vivência da sexualidade, os valores de certo e de errado, em relação à gestação, são também definidos e estabelecidos culturalmente. A literatura registra o processo do mito do amor materno. A partir de meados do século XIX, segundo BADINTER (1985), impõe-se à mulher a obrigação de ser mãe antes de tudo, originando o mito que se manterá vivo nos dois séculos posteriores: o do instinto materno, ou amor espontâneo de toda mãe pelo filho.

Nos dizeres de RAGO (1984), a valorização do papel da mãe e de um ideal de feminilidade, difundido pela sociedade burguesa desde meados do século XIX, objetiva convencer as mulheres de que elas amam naturalmente seus filhos e de que nasceram para procriar. Surge, então, a construção da imagem dicotomizada da mulher, ou seja, a de mãe santa assexuada e esposa frígida e a de prostituta, mulher devassa e despudorada, dotada da capacidade do prazer. Aquela mulher idealizada, que se assemelha à Virgem Maria, teria sua vida destinada à maternidade e deveria ser isenta de desejo, não desfrutando de qualquer prazer na relação sexual.

Assim, todas as vezes que os impulsos de Eros (erotismo) ultrapassassem ou desconsiderassem a procriação, eles seriam percebidos e sentidos como perversos e impuros. Certamente esse mito poderia explicitar algumas das dificuldades de relacionar gravidez e erotismo. Uma vez cumprida a função de procriação, os impulsos de Eros não encontrariam ressonância para se expressarem nesse período. Por essa perspectiva, a mulher grávida não deveria usufruir de vida sexual ativa e nem sequer expressar desejos, uma vez que a função procriadora já fora desempenhada.

Todavia, diante dessas teorizações, estudos e da realidade, surge uma série de questionamentos. Afinal, que significado mulheres e homens atribuem à sexualidade no momento da gravidez? Como se percebe a mulher na qualidade de mulher sexuada e mãe? E o homem? Como se percebe diante da gravidez? Como a sexualidade expressa-se para ambos nessa situação? Como o desejo, o erotismo, a intimidade são vivenciados?

Impulsionadas por essas inquietações, nós nos propusemos buscar os significados atribuídos por homens e mulheres ao relacionamento afetivo e sexual no período da gravidez. A trajetória fenomenológica foi escolhida por acreditarmos ser esse o meio eficaz para alcançarmos nosso objetivo na busca da compreensão do *relacionamento afetivo e sexual na interface da gestação*.

O DIÁLOGO QUE FUNDAMENTA O EXISTIR

Com o intuito de embasar este estudo, optamos pela obra dos fenomenólogos, e, entre elas, valemo-nos da teoria de Martin Buber, cujos princípios compõem a filosofia do diálogo. Para este autor, o homem é um ser que estabelece, no decorrer de sua existência, múltiplas relações, as quais, podem ser expressas por dois modos de ser no mundo, identificados estes pelas duas palavras-princípio:

EU-TU e EU-ISSO.

A palavra-princípio EU-TU é o ato essencial do homem, a atitude de encontro genuíno entre dois parceiros na coerência, responsabilidade, reciprocidade, intimidade e mutualidade de compreensão e linguagem, expressando, assim, a manifestação mais intensa e sintonizada de ser no mundo. É o princípio dialógico que caracteriza o mundo do relacionamento existencial. Por outro lado, a palavra-princípio EU-ISSO é uma forma impessoal e superficial de relação. É o princípio monológico, a ausência do diálogo.

A diferença entre as duas atitudes está na noção de totalidade que caracteriza a relação ontológica EU-TU. Por essa perspectiva da existência humana, o teor é explicitar que o homem realiza sua existência na relação, na reciprocidade, na subjetividade, na responsabilidade, isto é, na relação com o outro que fundamenta o existir humano. "A palavra-princípio EU-TU só pode ser proferida em sua totalidade." (BUBER, 1974, p.3).

OS MOMENTOS DA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA

Elegemos a redução fenomenológica como método para realizarmos o processo de análise dos depoimentos dos informantes, porque essa modalidade possibilita-nos retornar ao mundo da experiência original, ao mundo-vida do entrevistado e explicitar os sentidos e os significados atribuído pelas mulheres e pelos homens ao relacionamento afetivo e sexual na interface da gestação. Martins e Bicudo (1989) sugerem quatro momentos para realizar a análise, momentos esses que vão indicados a seguir:

O primeiro momento caracteriza-se pela transcrição dos depoimentos dos entrevistados, pela leitura ampla de todas as entrevistas do princípio ao fim, com a intenção de familiarizar-se com a descrição da experiência vivida, buscando-se apreender o sentido geral do fenômeno. Nesse momento, o pesquisador estabelece uma relação empática com a situação relatada pelos informantes.

O segundo momento marca-se pela intenção de caminhar para a elaboração da discriminação das unidades de significados, as quais são extraídas após a releitura de cada depoimento, tendo em vista que elas não existem *per se*, mas somente em relação à perspectiva pela qual o pesquisador se dirige ao fenômeno e a interrogação que faz. Isto quer dizer que, nessa modalidade de pesquisa qualitativa, a realidade psicológica não está pronta; ela é construída pelo pesquisador no decorrer do processo de análise.

O terceiro momento define-se pelo seguinte: após a obtenção das unidades de significado, o pesquisador busca agrupá-las em temas ou categorias, que expressam o *insigth psicológico* nelas contido, ou seja, é o momento da transformação da linguagem coloquial do informante no discurso psicológico.

O quarto momento sintetiza e integra os *insights* contidos em todas as unidades de significado, obtidas no terceiro momento, as quais são agrupadas em categorias em função das convergências e/ou divergências dos significados atribuídos pelos informantes e que constituem os aspectos essenciais da estrutura compreensiva do fenômeno. Tendo em vista o fato de o discurso humano ser necessariamente inacabado, incompleto, os horizontes de compreensão são inesgotáveis.

OS INFORMANTES

Foram entrevistadas dez mulheres grávidas na faixa etária entre 18 e 33 anos e dez homens cujas mulheres (esposas, namoradas ou companheiras) estavam grávidas, com idade que variavam entre 21 e 33 anos, com escolaridade entre o curso médio incompleto e o curso superior completo. Faz-se necessário explicitar que não foi entrevistado o casal. Todos os informantes foram localizados por intermédio de contato pessoal.

A entrevista compreensiva foi utilizada e mediada pela questão: "Descreva como você sente e percebe o seu relacionamento afetivo e sexual com seu (sua) parceiro (a), neste período da gravidez". Após os depoimentos serem submetidos aos passos da análise fenomenológica já indicados anteriormente ao leitor, exporemos as categorias a seguir.

A VOZ DAS MULHERES

Categoria 1 – A diminuição ou não nas relações e desejo sexuais

"... Então nessas coisas de contato físico muda bastante, em termos de relacionamento afetivo e sexual, as minhas necessidades mudaram um pouco. Mesmo a frequência com que você faz sexo e tal. Pra mim, eu senti uma decadência, mesmo do desejo sexual, de tá fazendo sexo". (entrevistada 9)

"Pra mim, eu confesso que eu não tenho desejo... (ri), não sinto muita vontade, não. No caso dele, eu não sei se muda muita coisa". (entrevistada 3)

"... Em frequência diminuí muito as relações sexuais e isso também foi... eu não consigo mais chegar no orgasmo". (entrevistada 1)

"O prazer mudou, mudou sim... não sei, mas o fato de eu não estar me enxergando muito como aquela imagem antes de mulher, de feminina. Isso faz o desejo cair, na hora do relacionamento mais íntimo acaba afetando sim um pouco. Não tem sido uma coisa muito à vontade, tem sido uma coisa um pouco forçada". (entrevistada 5)

"Eu imaginava, o que eu ouvia dizer é que a gestação mudava muita coisa, inclusive o desejo sexual. Mudava assim, diminuía. Então a mãe não tinha mais tesão, só vivia pro filho. Só que não é isso que eu sinto, eu adoro o meu marido, a gente se namora muito, é gostoso. Então, não deixou, pra mim não deixou de ser gostoso, eu não deixei de querer, eu continuo querendo..." (entrevistada 10)

Esses discursos convergem para a revelação de que, durante a gestação, as relações sexuais se tornam menos frequentes; o interesse, o desejo, o erótico, a sensualidade assumem outras nuances à medida que o corpo se prepara para ser mãe. Sem dúvida, muitas modificações são resultantes das alterações hormonais, todavia centramos a nossa atenção nas concepções, mitos e preconceitos que encontram ressonância na herança cultural legada pela nossa sociedade. Segundo CHAUI (1984), as instâncias como a Religião, a Moral, a Família, o Estado oferecem justificativas que envolvem a sexualidade como defesa da procriação. De acordo com essa concepção, à mulher grávida não caberiam relações sexuais e nem sequer desejos, pois o dever da função procriadora já estava consumado.

Na Idade Média, era defendido o casamento casto, isto é, sem sexo, permitido este só para o cumprimento sagrado da procriação. Diz-se sagrado no sentido de ser desprovido de prazer. A imagem de mulher ideal que essa visão veiculava era a de mãe assexuada e uma esposa frígida. A influência da religião neste contexto ocorre pela cisão entre religiosidade e erotismo criada pela civilização ocidental, que consiste no exemplo de virgindade da mãe de Cristo, a qual foi concebida, em estado de pureza, “sem pecado”.

Todavia, o depoimento da entrevistada 10 diverge dessa visão de mulher assexuada. O relato desta mulher explicita-nos a permanência do desejo e a vivência de uma sexualidade descentrada da genitalidade. Percebe-se neste discurso que a sexualidade é expressa de modo a haver uma inserção harmoniosa de sexo, de afeto e de erotismo, possibilitando, assim, condição para a realização sexual plena. Percebe-se, então, que o ritual da relação acontece em virtude do encontro “entre” o Eu e o Tu na reciprocidade da ação totalizadora.

Nos demais discursos, percebe-se o predomínio da categoria EU-ISSO, pois o modo de existir desvelado não é, na maioria das vezes, permeado por um encontro verdadeiro entre dois parceiros. Há, assim, uma impessoalidade na relação, caracterizada pelo distanciamento e ausência do diálogo, prática, aliás, pouco comum entre os casais.

Categoria 2 – O conflito ao vivenciar o modo de ser mãe e o modo de ser mulher

“... Ele fala muito dessa coisa de respeito, ele fica me imaginando como mãe, já meus seios saindo leite, então... houve modificação, principalmente após o sétimo mês.” (entrevistada 3)

“Eu tô curtindo muito esse bebê, então eu não consigo mais me vê mais como aquela, como mulher, muitas vezes. Tá meio confuso ainda para mim, a mulher e mãe.” (entrevistada 5)

“... Ainda para mim está meio, meio confuso mesmo, o meu papel, de mulher e de mãe. Percebi que eu mudei muito”. (entrevistada 5)

Ao deparar-se com a construção do modo de ser mãe, legado histórico da nossa sociedade, a gestante entra em conflito com o seu modo de ser mulher. Isto é fruto das restrições e da repressão que foram culturalmente incorporadas pelas mulheres no decorrer da história. Segundo GIDDENS (1993), há uma idealização da mãe como parte integrante da moderna construção da maternidade, alimentando alguns valores propagados sobre o casamento e a construção do amor romântico. O elemento que aqui se destaca e os discursos desvelam é a dificuldade de associar maternidade à feminili-

dade. Internaliza-se, desse modo, uma imagem dicotômica de mulher, pois, ao permitir-se a entrega aos desejos e prazeres sexuais ela será vista pela moral como uma mulher devassa – tal como uma prostituta e, contrapondo-se a essa atitude, será o modelo valorizado de feminilidade, de esposa ordeira, casta, mãe de família e, sobretudo, dessexualizada.

Por essa perspectiva, impõe-se à mulher a obrigação de ser mãe antes de todos os seus objetivos e projetos existenciais. O conflito que as entrevistadas revelam em seu discurso vincula-se a uma exaltação do amor materno como um valor natural e social. Conforme RAGO (1984), esta valorização do papel da mãe e de um ideal de feminilidade visa convencer as mulheres de que tudo o que se distanciar desta concepção do amor de mãe é rotulado como imoral, anormal e gera culpa. Daí a angústia das mulheres grávidas ao se verem como mulheres envoltas em desejo e erotismo, uma vez que passaram a assumir o papel da maternidade.

Da mesma forma, GUEDES (1995), ao trabalhar a construção de gênero, questiona o duplo papel mãe/mulher. Se para a mulher restam as concepções de ser ou santa ou prostituta, como fica o livre exercício da cidadania e o exercício dos desejos para a mulher grávida? Com base em uma reflexão acerca do mito do amor materno, o qual impera na maioria das relações maternas, e uma tomada de consciência dessas concepções idealizadas de mulher, é possível compreender o significado que as entrevistadas atribuem à sexualidade no período da gravidez. A educação que homens e mulheres receberam realmente traduzem esta visão: a gestante deve ser protegida dos pecados do sexo.

Assim, diante de todas essas proibições morais ditas ou veladas pelo não dito por meio da repressão, ou seja, diante de tabus e preconceitos que a sociedade e as instituições criam perante a vivência da sexualidade e a consequente imposição de papéis lícitos e ilícitos, o ficar grávida é vivido como se a partir de então ocorresse sua deserotização.

O relacionamento EU-TU deveria marcar-se por uma reciprocidade, uma mutualidade explícita de compreensão e linguagem entre os parceiros de relação; seria um encontro autêntico em que o outro estaria realmente presente. No entanto, o que os depoimentos nos revelam é o pronunciamento de EU-ISSO, no qual o EU se coloca diante das coisas, ao invés de confrontar-se com elas no fluxo da ação recíproca. Não havendo participação conjunta, não há atualidade. Quanto mais o contato do TU se instaura, mais autêntica é a relação. O diálogo autêntico viabiliza que o outro se afirma como um ser total.

O isolamento e a dificuldade de diálogo experienciados por estas mulheres contrapõem-se ao TU da relação ontológica. Nestes discursos, destaca-se o pronunciamento do EU-ISSO, restando para o dialógico apenas uma lacuna, pois seu sentido dá-se no intercâmbio, no “entre” as pessoas envolvidas que, neste caso, não se fazem presentes.

Categoria 3 – A relação afetiva é intensificada pôr parte do pai

“... Agora ele ficou mais amoroso, mais assim, mais apegado. Isso ele ficou, sim, mais apegado”. (entrevistada7)

“... Com relação ao afeto, é o que eu te falei, pra mim ele tá sendo mais carinhoso agora, bem mais. Ele parece que tá cuidando bem mais da gente. Tá... sabe, super dedicado: Ele diz: não fica agachando, não fica varrendo, eu varro isso aí. Tá assim, bem mais dedicado à família agora, antes não era assim. Então afetivamente, ele é bem mais carinhoso”. (entrevistada 8)

“Ah, em termos de relacionamento afetivo, acho que é uma coisa bem tranqüila”. (entrevistada 9)

Como já foi visto, o papel de mãe muitas vezes vem se sobrepor ao de mulher e o erotismo acaba sendo colocado em segundo plano na vida de muitos casais no período da gestação.

Por outro lado, os discursos revelam convergências quanto a uma intensificação da vivência do relacionamento afetivo, o qual é imantado de um significado da parte das mulheres como numa atitude mais protetora, mais cuidadosa por parte do homem.

Não estamos aqui a julgar ou a desconsiderar a importância que essas mulheres atribuem a essa práxis de seus parceiros. Muitas vezes é esta a real necessidade que estão sentindo e querem satisfazer nesse momento. Este lado afetuoso – este compartilhar de um modo EU-TU a vivência mútua da maternidade/paternidade – parece se fazer, portanto, de extrema relevância para as mulheres-mães. O amor físico, para o íntimo do feminino, sobretudo durante a gravidez – parece perder seu valor, se comparado ao envolvimento erótico mais intenso (BRUNS & GRASSI, 1993). Contudo, uma vez que nos propusemos a investigar o relacionamento do casal, indagamos: estará o erotismo silenciado pelos mitos e repressões que se mascaram de diversas formas para ocultar a sua manifestação?

Segundo ALBERONI (1988), a liberação do desregramento erótico acontece de maneira a deixar implícita a profanação das imagens de mãe, irmã, noiva – imagens sempre consideradas pudicas, castas. Cancelando-as, faz emergir a “animalidade”. Para este autor, o erotismo aparece com a destruição dos outros papéis, outros liames sociais dos quais a mulher é portadora e símbolo. Assim, esta proximidade afetiva dos homens para com suas parceiras grávidas é deveras valorizada, como se a recompensa do estar junto buscasse superar a ausência da vivência erótica do casal. Na visão desse autor, quando as mulheres apreciam a ternura, os carinhos e os preferem ao ato sexual estão fornecendo pistas da necessidade que sentem de receber atenção amorosa continuada do parceiro. O universo erótico para a mulher é mesclado de carinhos, afagos, ternura, que se entrelaçam harmo-

niosamente. Para o homem, esse entrelaçamento é vivenciado apenas nos momentos de enamoramento.

Quanto ao referencial teórico de Buber, ainda que haja um silêncio com relação à vivência do erotismo, deixando implícito um modo EU-ISSO de se relacionar; no que diz respeito ao relacionamento afetivo, os discursos parecem convergir predominantemente para uma forma de atitude e encontro EU-TU.

Para Buber, o TU atua na necessidade de contato, de modo que expresse cada vez mais claramente a reciprocidade e a ternura. E os sentimentos de ternura e proximidade afetiva são revelados nos relatos dessas mulheres. Há também marcas de uma maior reciprocidade e dedicação entre o casal durante a gestação de um filho.

Categoria 4 – A presença de um “terceiro” na relação

“... Quando o nenê começa a mexer, a gente tem mais a noção de que ele tá aqui, tá presente... E é engraçado, a gente fica... tem mais alguém aqui, né? (ri). Até outro dia a gente falou: ele/a vai chamar K. Oh! K., papai e mamãe vão namorar agora, viu? (risos), papai e mamãe vão namorar”... a gente fica meio preocupada, assim, porque sabe que tá ouvindo, o que tá acontecendo, tá participando de alguma forma e ao mesmo tempo não está”. (entrevistada 2)

“Logo quando eu soube que estava grávida, a primeira pergunta que veio na minha cabeça foi assim: Como é que ele tá me olhando agora? Quer dizer, antes era só eu, eu a namorada e tal, todo um comprometimento afetivo assim. E agora? Quando a pessoa olha pra você, porque aí não é mais você, é você e o neném, uma coisa que já nasce, né?”. (entrevistada 9)

“... Não sei, acho que muda tanta coisa assim na relação, é assim de você tá, de ter uma pessoa junto com você, que não é só os dois mesmo. Pra ele também mudou demais”. (entrevistada 1)

Uma preocupação faz-se presente nos discursos das gestantes: a de que, se antes a relação envolvia duas pessoas, a presença de uma terceira gera uma ansiedade ainda maior. Esta ansiedade envolve aspectos de responsabilidade e culpa.

A gestante percebe-se responsável pela criança que abriga em seu ventre e, ao mesmo tempo, sente culpa, porque é como se precisasse colocá-la à parte da relação, “pedir licença” para que possa vivenciar sua sexualidade com seu parceiro. É esta culpa se intensifica gerando angústias, uma vez que não se pode colocar à parte o “ser mãe”, pois o bebê se mexe, a barriga cresce e a mãe sente tudo isso, até mesmo com a fantasia de estar sendo “vigiada”.

A mulher preocupa-se também com o *como* o homem passa a percebê-la. Ela não se sente mais apenas como a mulher. A presença de um “terceiro”

modifica a maneira de o casal se relacionar, pois novamente traz à tona as questões de papéis e padrões de conduta que os dois desempenham.

O erotismo feminino é também ansiedade, medo de não ser amada e necessidade de ser desejada. A sedução feminina tem o intuito de ser lembrada, o fazer-se desejada. O erotismo da mulher dependerá da apreciação do parceiro, do modo como ele a percebe? A entrevistada 9 explicita esse desejo quando diz... *“Como está ele me olhando agora?”* Para muitas mulheres, a gravidez é um enriquecimento do amor com relação ao parceiro, pois almejam que este admire sua nova beleza de gestante e sofrem se isso não acontece.

Assim, a presença de um terceiro ser na relação, sentido de modo tão intenso, poderia ser compreendido também como uma defesa para a mulher que vive um conflito de distanciamento e proximidade de seu parceiro. Para KEPLER (1994), a mulher toma o filho como objeto de sua fantasia, objeto (fálico) que lhe traria a possibilidade de manter sua função para cuidar desse filho, ao mesmo tempo que minimiza a intensidade com que percebe e sente-se como um objeto desvalorizado. Por essa visão, a responsabilidade para com a criança que está gerando, o sentimento de culpa alimentado pela dúvida de estar ou não construindo o ser mãe de maneira considerada louvável pela sociedade, assim como o afeto pelo parceiro e o desejo de continuidade erótica ameaçado pelo sentimento de ser desvalorizada no seu papel de mulher, que envolve também os aspectos da estética tão valorizados pela mídia, todos esses aspectos juntos contribuem para afastar a mulher da possibilidade de se ver como totalidade, desempenhando diferentes papéis simultaneamente, sem ter que se desfazer de facetas de sua individualidade.

De acordo com BUBER, o EU está incluído no evento primordial da relação, por meio da exclusividade desse acontecimento. Neste evento, tomam parte somente dois parceiros na sua total atualidade: o homem e aquilo que o confronta. Assim, o mundo se torna um sistema dual.

Pensando nessa concepção de BUBER, pode-se dizer que a presença de um “terceiro” ser na relação homem-mulher traz empecilhos para que esta se processe de uma maneira EU-TU.

Além disso, a dificuldade expressa pelas mulheres em se perceberem como uma totalidade – mulher-esposa-mãe – caracteriza a impessoalidade, própria do modo de ser EU-ISSO.

Categoria 5 – A influência de problemas de saúde: o medo do casal de ferir ou de perder o nenê

“... quando eu fui na primeira consulta, como eu demorei pra engravidar, o médico orientou a gente, né? Pra que eu evitasse de fazer muito esforço, carregá alguma coisa pesada, inclusive na relação sexual que eu tivesse bem mais cuidado, né?. Então eu acho que isso afetou um pouco nós dois. O receio de prejudicar alguma coisa”. (entrevistada 5)

“... Acho que a gente vai perdendo... fica tão preocupada, medo de machucar, que acho que vai perdendo assim, vai perdendo a vontade, por medo”. (entrevistada 8)

Os discursos novamente convergem para a revelação de sentimentos como responsabilidade com o filho gerado e o receio diante das possíveis ocorrências indesejáveis no decorrer da gestação. Essas mulheres e mães nos falam de seus próprios temores, mas remetem-se também aos parceiros que, muitas vezes, compartilham com elas os mesmos sentimentos, o que se desvela por meio de suas dúvidas e atitudes.

Aliado a esses receios, advindos de recomendações médicas e de problemas de saúde realmente existentes, assim como de incertezas e fantasias sobre afetar, ferir ou perder o nenê, parece ocultar-se um padrão de conduta considerado correto e saudável. Trata-se mais uma vez do que GIDDENS (1993) classifica como “sexualidade casta do casamento”, ou seja, o sexo no casamento deveria ser responsável e autocontrolado.

Por trás disso, parece estar ainda mais velada a fantasia de punição por não se conterem a portar-se de maneira “casta”. O castigo poderá se presentificar na possibilidade de afetar a criança. CONCEIÇÃO (1986) enfatiza a presença da cobrança de ser mãe perfeita, cujos deveres são reclamados pela sociedade, pela família, pelo marido e especialmente por ela mesma. Para não falhar e ser condenada, a mulher acaba submetendo-se a sacrifícios. Não se questiona aqui a relevância das recomendações médicas, sobretudo em face dos problemas de saúde que realmente requerem maior atenção e cuidado. Apenas o que provoca questionamento é a maneira como essas orientações são assimiladas e muitas vezes utilizadas como uma “desculpa” para a carência de uma sexualidade vivenciada de maneira menos restrita e que poderia estar presente e de modo criativo em qualquer situação. Esse modo de ser desvela que os significados atribuídos ao período da gestação pelas mulheres estão voltados diretamente para a criança, a qual, à medida que vai ocupando o seu espaço físico na ventre materno, vai ao mesmo tempo desencadeando um certo distanciamento erótico entre o casal.

Com relação ao referencial teórico de Martin Buber, há o predomínio da categoria EU-TU. Isto se dá, pois os discursos revelam que mulheres e homens compartilham sentimentos semelhantes de responsabilidade e receios com relação à vivência da sexualidade durante a gravidez.

A VOZ DOS HOMENS

Categoria 1 – A gravidez intensificou a relação afetiva

“Agora o carinho entre as duas pessoas aumenta demais. Fica bem ligado um ao outro. A gente fica preocupado com o neném...” (entrevistado 2)

“Ah, eu acho que é... agora assim nós temos, além do relacionamento, nós temos uma criança em comum, né?. Então é... a tendência é só se ligando mais, fortalecendo cada vez mais em função da criança né?”.

“Nesta fase da gravidez de minha esposa, o afeto e carinho que sinto por ela são maiores que a atração sexual”. (entrevistado 6)

A convergência dos discursos para a revelação de que, durante a gravidez o relacionamento afetivo do casal torna-se mais intenso, já havia sido mencionada nos discursos das mulheres. Os homens também são enfáticos ao dizer que se sentem mais próximos, mais interligados, mais carinhosos para com suas parceiras durante a gestação de um filho. Segundo ALBERONI (1988), o homem também tem necessidade de afeto, teme a solidão e, sendo assim, a mulher lhe é necessária. Os discursos convergem para a revelação de um modo de relação EU-TU acerca da vivência afetiva desses homens com suas parceiras durante a gravidez. O TU, nessa relação, expressa-se claramente com a intensificação dos sentimentos de atenção e proximidade afetiva. Os homens falam de uma relação afetiva mais madura e mais fortalecida. Todavia a separação entre sexo e amor está explícito nos discursos dos homens. Os cuidados ocorrem em função da gravidez.

Categoria 2 – Dificuldades e modificações na relação sexual

“... Sexualmente... cai bastante. Porque a gente já não liga tanto pro sexo. Já passa a viver mais o neném, diminui... isso aí, caiu bastante mesmo”. (entrevistado 2)

“Resumindo o aspecto sexual, né?, já vinha uma insatisfação do meu ponto de vista. Uma falha minha, eu nem sei do ponto de vista dela qual era, né?, se estava satisfatório ou não para ela”. (entrevistado 7)

“Por outro lado, principalmente agora que estamos no último trimestre da gestação, eu não sei por quê, mas não sinto necessidade de procurá-la. Não, não que tenha perdido o interesse por ela, ou que tenha deixado de amá-la. Tenho até ereção quando a vejo, mas um simples toque, uma troca de olhar, um carinho dela, um abraço ou um beijinho me satisfaz...” (entrevistado 9)

“É como eu disse essas modificações foram no sentido prático do ato em si, mudamos as posições, mas assim mesmo diminuímos o ritmo das relações sexuais”. (entrevistado 1)

Os homens também experienciam modificações na vivência de sua sexualidade, assim como as mulheres. Um significado desvelado nos dis-

cursos dos homens diz respeito a aspectos mais práticos, maneiras distintas de se portarem sexualmente diante da gravidez de suas parceiras. Segundo ALBERONI (1993), para o homem, o relacionamento sexual é muito importante. Nenhuma forma de erotismo cutâneo, muscular, cinestésico, nenhum tipo de intimidade amorosa, nenhum tipo maternal de afeto é capaz de substituí-lo e diminuir-lhe o prazer sexual.

Dessa perspectiva, percebe-se que os homens falam dessas outras formas de erotismo em seus discursos, contudo clamam pela restrição da presença de Eros. Para melhor compreender esta restrição que o casal passa a compartilhar, remetemos o leitor a pesquisa de BRUNS e ALMEIDA (1994) sobre a sexualidade na terceira idade, sobretudo ao momento em que as autoras trabalham as concepções de ALBERONI, acerca do enamoramento e do amor. O enamoramento ou estado nascente compreende um momento no qual a pessoa se permite a viver uma experiência imbuída da força extraordinária e revolucionária de Eros. Enamorados homens e mulheres aproximam-se para vivenciarem o êxtase. Nesses períodos, a sexualidade compreendida como encontro e comunicação, adquire um significado singular em que a especialidade é que lhe confere a identidade de estar enamorado.

Como nos dizeres de BARTHES (1991:14) “Encontro pela vida milhões de corpos; desses milhões posso desejar centenas; mas dessas centenas, amo apenas um. O outro pelo qual estou apaixonado me designa a especialidade do meu desejo”.

Essa especialidade é revelada pela intensidade e intimidade erótica que adquire o gesto, o toque, o cheiro da pessoa amada. Nesses momentos o desejo de estar com a pessoa amada possibilita o mergulho no fantástico mundo da criatividade, liberar os horizontes do imaginário e numa viagem sem fronteiras, possibilitar a pessoa amada o seu desvelar-se. Nessa fusão se completam e por instantes experienciam a eternidade. Contudo este estado é transitório. Quando tudo é paixão, felicidade, é também tormento, espasmo. A busca de tranqüilidade, paz, serenidade ocorre com o desaparecimento do êxtase. Esse término é “bem sucedido” quando o casal institucionaliza a relação – o casamento, os filhos. Desse modo, a exclusividade que o filho requer é incompatível com o estado do enamoramento, porém fortalece a união do casal e estabiliza o amor.

Neste sentido, estas dificuldades e modificações que os homens sentem em relação à diminuição do desejo estão centradas nesse momento em que a relação institucionalizou-se. O ritual do erotismo pressupõe um tempo isento de preocupações e tarefas rotineiras.

Os discursos mostram, também, neste momento, uma dicotomia entre sexualidade e afetividade. Como diz CHAUI (1984), a sexualidade é uma energia que envolve as relações humanas não se restringindo apenas à genitália, com o objetivo único de reprodução. Esta idéia viva de sexualida-

de fica muitas vezes latente, fragmentada, ou até negligenciada por homens e mulheres em sua existência.

Por outro lado, o discurso do entrevistado 9, divergente dos demais, expressa a possibilidade de uma sexualidade não apenas genitalizada. Nesse momento, o estado de reciprocidade e mutualidade se instaura, tendo em vista a fusão inerente ao erotismo que abarca todos os aspectos da sexualidade, durante a gravidez. Isto é, um relacionamento existencial, expressivo, da plenitude do ser, típico da palavra-princípio EU-TU.

Os outros discursos acentuam a dicotomia entre sexo e afetividade. Desse modo, esses homens expressam dificuldade em vivenciar o sensual, o erótico, enfim, a sexualidade em uma visão abrangente, em sua totalidade, sendo, portanto, identificados pelo modo de ser EU-ISSO.

Categoria 3 – O desejo sexual não diminui, mas é permeado por “maior controle, menor liberdade”

“... Eu não perdi meu interesse sexual por ela, pelo contrário parece que dá mais... dá vontade de tê-la assim mesmo. Hoje, ela não pode fazê muito esforço. Então, fica uma coisa de controle mesmo, de não fazê muitos movimentos, pra que não encoste, não bata, sei lá, pra que não machuque. Só, só isso que eu acho que, que mudou um pouco”. (entrevistado 3)

“... Não, eu... não sinto nenhuma queda de tesão, não tem nada disso, não. Apenas é... acaba sendo desconfortável mesmo, né? É tem que ser uma coisa que não prejudique o bebê, essas coisas. Bem, acho que faz parte da rotina de casal, acredito que seja”. (entrevistado 4)

“... É estranho, mas ao mesmo tempo, alguma coisa me diz que não é mesmo tempo e isso me tranqüiliza, tenho adquirido um controle sobre o meu impulso sexual”. (entrevistado 9)

Neste contexto, o zelar e o cuidar são compreendidos pela perspectiva da afetividade que, segundo HEIDEGGER, é um dos aspectos distintivos do homem. A existência humana torna-se significativa, quando nós permitimos a ser cuidadoso com o outro. Desse modo, o desejo sexual do homem não cessa, todavia ele sente que necessita de controlá-lo, visto possuir vínculos e compromissos com a mulher que elegeu para ser mãe de seus filhos. Desta maneira, o controle que permeia o desejo sexual desses homens se dá no âmbito deste compromisso e responsabilidade que passam a assumir no papel de pais. No que diz respeito ao referencial filosófico de BUBER, o fenômeno do inter-humano implica a presença do encontro mútuo, da reciprocidade, como marca definitiva da atualização da relação. Desse modo, a responsabilidade compõe o projeto do homem na história de viver num nível real.

Categoria 4 – A obrigatoriedade de aceitar as mudanças

“Algumas vezes até chega a incomodá, a gestação, né?.Mas a gente tem que ter paciência, né? Se a gente quer ter filho, né,tem que passá por isso”. (entrevistado 4)

“... Eu acho que deve haver uma complacência dele (homem) pra esse assunto, principalmente o sexual... Eu... eu acho que no lado sexual, eu acho que tem que haver uma... aquela parte de cedê, eu acho que tudo tem o seu momento e a sua hora”. (entrevistado 10)

Os homens revelam em seus discursos uma resignação, um certo conformismo com relação a ter que aceitar e se adaptar às modificações que emergem com a gravidez de sua parceira.

A maneira como estes homens se expressam sobre “ter que ter paciência”, “ter que respeitar”, “ter que compreender” traduz um sentimento de obrigatoriedade no relacionamento com as parceiras. É a benevolência que deve imperar sobre os impulsos, sejam eles sexuais ou agressivos.

Neste sentido, o estudo de CABRAL (1995) mostrou-nos que os homens não deveriam insistir em seus desejos com as esposas, procurando poupá-las. Era aconselhado e permitido ao marido “aliviar-se” no leito conjugal, apenas em algumas situações, sendo excluídos o período menstrual e a gestação da esposa.

No que diz respeito ao referencial teórico de BUBER, esses discursos evidenciam um predomínio da categoria EU-TU. As características que permitem estabelecer essa análise são, sobretudo a reciprocidade e a mutualidade. O mais importante do EU-TU é que o EU esteja comprometido com o outro que se encontra face-a-face com o EU. O EU desses homens atua sobre o TU das mulheres e vice-versa, para que possam assumir uma atitude de respeito e aceitação pela situação gerada pela gravidez.

Categoria 5 – A vivência do erotismo e do desejo por outras mulheres

“Agora em termos de é... vamos dizer (ri), olhar para outras mulheres agora que ela tá assim, a gente olha mais, sabe. É a gente tem uma atração maior por outras mulheres. Não é porque tá com a barriga grande ou porque ficou feia, nada disso. É que como você fica impossibilitado, né?, entre aspas, de fazer sexo em casa, as outras começam a te chamar atenção. Isso aí ocorre mesmo, eu tenho percebido que eu tenho mais, eu tô mais pilantrão, tô andando de carro, dou uma olhadinha aí. Mas a gente tem que agüentar as pontas, né? Optou por ter filho, né?”. (entrevistado 4)

“Alguns dias desse último trimestre, me dava uma vontade enorme de ter relação... Mas eu não quero outras mulheres... acho que seria um desres-

peito com a minha esposa e não teria coragem de olhar para meu filhinho... Então eu me contento com uma masturbação, no máximo acompanhada de filmes ou de revistas eróticas". (entrevistado 9)

O desejo por outras mulheres não foi uma categoria que se destacou na maioria dos discursos. Dois dos relatos dos homens, entretanto, deixam claro o quanto a vivência tolhida de seu erotismo faz que a atração por outras mulheres ou a necessidade de se satisfazer sexualmente de diferentes formas venham à tona.

Esses homens também parecem estar vivenciando um conflito. De um lado, deparam-se com o desejo, os impulsos de Eros que os levam a sentir-se atraídos por outras mulheres; do outro lado, o sentimento de culpa por estar sendo infiel a parceira e ao filho. Este sentir e racionalizar; desejar e reprimir ou sublimar esbarra em valores e culpas internalizadas.

Segundo ALBERONI (1988), o drama específico do homem é o de amar uma pessoa e desejar outra e sentir isso como culpa. E para tentar remediar esta culpa, ele aumenta suas responsabilidades, seus cuidados e seus deveres. O homem aprendeu que seu primeiro dever é para com a família, a mulher, os filhos e que o erotismo é algo a mais. Se o homem satisfaz seus desejos, experimenta sentimento de culpa, ou seja, estes desejos não devem interferir nos seus deveres primários que não são eróticos.

Como estes homens lidam, então, com este conflito ao longo da gravidez de sua parceira? Alguns parecem buscar soluções no que julgam não torná-los culpados, traidores – uma masturbação solitária, por exemplo. Outros conseguem assumir para si próprios esta experiência conflitante, e classificam-se, como diz o entrevistado 4, como "*mais pilantrão*" e assim encontram recursos e se sentem à vontade para satisfazer-se fora do casamento. Esse modo de se expressar revela, ao mesmo tempo, o que, em geral, se tenta ocultar, isto é, a dupla moral que geralmente habita as nossas relações. Seu discurso desvela o que a falsa moral busca esconder. Segundo ALBERONI, o erotismo masculino possui um componente anárquico, de irresponsabilidade, um anseio inquieto de liberdade, ainda mais diante dos padrões de papéis de pais e dever que começam a vivenciar.

Categoria 6 – O silêncio do casal

Mulheres:

"Eu, é... prá ele, a gente não sei, a gente ainda não conversa, a gente fala, mas não sei se não é tão aberto assim. Depois dessa época, mais ou menos assim no último mês, por exemplo, a gente não tem se falado sobre isso não, tá?". (entrevistada 3)

“... É eu não sei se é porque tá no começo, da gestação, mas eu particularmente, não sei da parte dele, porque a gente pouco discute, não discutimos ainda a respeito disso, né?”. (entrevistada 5)

Homens:

“Então a gente senta, a gente tá ali, a gente conversa, né? Ou então de manhã, se ela foi dormir mais cedo... Então de manhã fala: “ó, aconteceu isso; você tá fazendo isso aqui errado; precisa fazê tal coisa dentro de casa; precisa comprá tal coisa ou precisa levá o carro pro conserto, vai ficá em tanto”, essas coisas a gente conversa na hora que tá os dois no mesmo local...” (entrevistado 8)

“Acho que atrapalha, tanto o sexual como o geral. Era uma pessoa assim (a esposa), às vezes se deitava reclamava de dor, mas não falava exatamente o que, o que era. Ficava reclamando e eu perguntava o que é, mas ela não respondia, sabe. Às vezes até uma atitude errada minha, porque ela devia tá sofrendo ali e não conseguia se expressar, né? Ai vinha a irritação”. (entrevistado 7)

“É, a gente (ri), a gente conversa, chega até... se um dos dois continua persistindo no erro, é onde tem aquelas explosões, né?”. (entrevistado 8)

O silêncio tem uma presença muito marcante na relação desses casais no que diz respeito à vivência da sexualidade na interface da gravidez.

A ausência do diálogo e o receio de se falar sobre este modo de ser com o próprio cônjuge, ou mesmo expressar-se com mais desenvoltura no momento da realização da entrevista por uma das pesquisadoras, evidenciam, então, a dificuldade de lidar de modo prazeroso e sem culpa com a sexualidade.

Segundo MARTIN BUBER (1974), o verdadeiro diálogo consiste em um encontro entre um EU e um TU. Os próprios entrevistados revelaram a ausência do diálogo acerca de suas intimidades sobre a relação do casal durante a gravidez; e para que se possa vivenciar uma relação EU-TU, faz-se necessário que um diálogo autêntico ocorra. Desse modo, o que predomina nessas relações é a presença do EU-ISSO, que é marcada pela ausência da intimidade e de envolvimento.

EM DIREÇÃO A COMPREENSÃO DO FENÔMENO

Os relatos de mulheres e homens também convergem para a revelação de que, durante a gravidez, as relações sexuais se tornam menos frequentes entre o casal. Pelo significado que as entrevistadas atribuem à vivência de seu relacionamento afetivo e sexual com seus parceiros neste período, percebe-se a presença de um sentimento de angústia que perpassa sua existência na qualidade de mulheres, diante da gravidez.

As mulheres expressam-nos sua angústia, ao passo que os homens deixam transparecer em seus discursos uma dicotomia entre sexualidade e afetividade. Como as mulheres, os homens também experienciam um conflito ao se depararem com suas esposas como mães. Estes homens, muitas vezes, sentem dificuldades em incorporar a sexualidade como expressão do ser em todos os momentos de sua vida. GIDDENS (1993) remete ao amor no casamento como uma responsabilidade mútua de homem e mulher pelo cuidado da família; e a sexualidade acaba ficando confinada e sua censura afetava ainda mais as mulheres.

Por essa perspectiva, sobressai-se a valorização do papel de mãe e do ideal de feminilidade, ou seja, a mulher ideal é a mãe assexuada e a esposa frígida. A maternidade aparece como um sacrifício inerente à própria condição de mulher. Esta concepção dá origem ao conflito que essas mulheres relatam, de um lado, seu erotismo e desejos e, do outro, o papel da maternidade. A mulher passa a se questionar se está ou não adaptando-se ao modelo ideal de ser mãe de maneira considerada adequada pela sociedade. Além disso, com a presença do filho, mediando a relação homem-mulher, surgem sentimentos de responsabilidade e culpa, que acabam por fazer que a mulher deixe sua vivência erótica para um eventual depois.

Os homens revelam-nos a resignação que sentem com relação às modificações em sua vida sexual, diante da gravidez de suas parceiras. Segundo ALBERONI (1988), com o casamento e os filhos, o enamoramento e a paixão cedem lugar ao amor e aos compromissos e, neste sentido, surgem entre os homens outros sentimentos e responsabilidades: o prover, o zelar e cuidar dos outros – mulher e filho. Esta vivência de compromissos é incompatível com o prazer, com o erotismo masculino, que clama por um anseio inquieto de liberdade; e, neste sentido, há um choque entre o erotismo masculino e o feminino, da estrutura temporal descontínua do erotismo masculino como fragmento e do erotismo feminino como continuidade amorosa. Aqui nascem as lacunas que, segundo esse teórico, pode ser uma das explicações que possam levar à atração e ao desejo desses homens por outras mulheres, sentimentos esses os quais eles também não sentem sem culpa.

Faz-se de grande importância refletir acerca da construção sócio-cultural de gênero neste contexto aqui estudado. As diferenças que estão presentes nas relações de gênero são frutos de uma convivência social mediada pela cultura. Neste sentido, a cultura construiu como padrão dominante da relação de gênero: o masculino.

De acordo com SARTI (1989), as relações de gênero estão fundamentadas pela divisão de papéis na família, sendo que os universos masculinos e femininos são redigidos por códigos e valores morais distintos. O papel de mãe é concebido como função natural da mulher, sendo que este papel representa um dos principais elementos na construção de sua identidade social e de gênero.

Para os homens, o processo ocorre de modo diferente. Apesar de também eles estarem inseridos neste contexto de valores e imposições morais, há para eles uma maior flexibilidade (o que não significa que eles tendem a aderir a esta flexibilidade sem angústias e conflitos). Isto pode ser percebido na análise ideográfica anteriormente realizada, a qual mostrou-nos, com evidência, a visão da mulher enquanto mãe santa e devendo desprover-se de desejos; e por outro lado, uma das categorias fala-nos do desejo dos homens por outras mulheres.

Quanto à afetividade, homens e mulheres relatam igualmente em seus discursos uma intensificação do relacionamento afetivo, mas essa atitude não corresponde ainda às expectativas do ideal feminino. O que ocorre, em verdade, é uma atitude mais protetora, que requer maiores cuidados e solicitude dispendidos pelo homem para com sua parceira grávida, assim como o afloramento de sentimentos de ternura e proximidade afetiva. Diante desta intensificação do relacionamento afetivo, como fica a vivência do erotismo?

A presença do erótico parece-nos que seria compreendida, muitas vezes, com o significado de estar destruindo os outros papéis sociais para os quais homem e mulher são educados a desempenhar. Em razão desse sentido atribuído ao erotismo, sua vivência acaba ficando subjugada à razão.

Dessa forma, perante todas essas proibições ditas ou desveladas pelo não-dito da repressão sexual e perante a imposição de papéis permitidos e proibidos, lícitos e ilícitos, o ficar grávida é vivido como se, a partir de então, passasse a se desvelar uma deserotização da mulher, e ao homem restasse uma sutil obrigatoriedade em aceitar e respeitar este momento de modificações, uma vez que também foi educado para isso. Neste sentido, as restrições são compartilhadas por homens e mulheres, membros integrantes desta cultura que mitifica e cria empecilhos para a vivência prazerosa da sexualidade.

Pelas categorias analisadas, podemos perceber que, em alguns momentos, um mesmo discurso pôde ser interpretado segundo a categoria tal como definida por BUBER (1974) como EU-TU e, em outros momentos, como EU-ISSO. Evidencia-nos isto que o ser humano pode se relacionar e se expressar de diferentes maneiras de acordo com a situação e/ou o ser que se lhe defronta.

Percebe-se uma dicotomia entre o erótico e o afetivo. Quando se trata de expressarem-se acerca de sua afetividade com seu (sua) parceiro (a), os entrevistados revelam um modo de ser EU-TU, caracterizado por sentimentos de responsabilidade, respeito e cuidado; entretanto com relação ao erótico, por todos os empecilhos que cerceiam a sua expressão, há o desvelar de um modo de ser EU-ISSO para a grande maioria desses homens e mulheres entrevistados.

Permeando todo este quadro, um silêncio se instaura entre os casais, evidenciando um modo de se relacionar no mundo que se aproxima da cate-

goria EU-ISSO. E este silêncio revela-nos também que a repressão sexual faz-se presente, dificultando, assim, a vivência de nossa sexualidade de um modo prazeroso, desprovidos de culpa.

HORIZONTES

O desvelamento desse fenômeno faz emergir a necessidade de uma intervenção junto aos casais que vivenciam questões como estas, quanto à vivência de seu relacionamento afetivo e sexual, as quais trazem modificações em seu mundo-vida e os inquietam de alguma forma. Neste sentido, refletir e trabalhar sobre estas questões clama por uma discussão anterior e mais ampla em meios como a educação e o núcleo familiar, com intuito de se estabelecer de maneira genuína um diálogo “EU-TU” acerca da sexualidade humana.

Para BUBER, a relação dialógica é o ponto de partida para a procura do sentido da existência humana. Neste sentido, é preciso que haja um diálogo autêntico em que cada parceiro veja o outro como ele é, com um conhecimento íntimo de cada um, quando cada um experimenta o outro lado em uma mútua aceitação e abrindo espaço para novas mudanças, em que residirá a responsabilidade do diálogo, possibilitando, assim, o surgimento do verdadeiro e profundo relacionamento existencial.

O intuito de procurar estabelecer-se um verdadeiro relacionamento existencial entre um homem e uma mulher em face da gravidez, não tem a pretensão de que este relacionamento seja isento de desentendimentos afetivos ou flutuações do interesse sexual e do prazer. No entanto, para a própria saúde física e emocional dos parceiros, é extremamente importante que eles encontrem recursos e estratégias para se expressarem um ao outro quanto às suas vivências afetivas; e que busquem maneiras diferentes de manifestar e viver sua intimidade e prazer recíproco, enriquecendo assim, o bem-estar da gravidez, além de fortalecer o vínculo do casal.

Para que esse processo se torne possível, para que uma relação dialógica se estabeleça entre homem e mulher, discussões anteriores realmente precisam ocorrer na familiar, na escola ou em grupo de casais – com auxílio de um profissional empenhado em promover qualidade de vida e que, por meio destas discussões, busque auxiliar estes casais a encontrar seus próprios meios e recursos para que esta relação dialógica e saudável possa se fazer sempre presente. Um dos benefícios que um diálogo autêntico pode trazer para estes casais é que, conhecendo e podendo vivenciar melhor sua sexualidade, surge uma possibilidade de que não ocorram relacionamentos extraconjugais e que mesmo no relacionamento conjugal possa fazer-se uso de preservativos. Dessa maneira, poder-se-á preservar a própria saúde desses homens e mulheres, evitando também a AIDS e DST de modo geral.

Essas discussões propostas devem abranger, em um primeiro momento, a concepção que estes casais têm acerca da sexualidade. Enquanto continuar prevalecendo uma identificação simbólica entre sexualidade e procriação, persistirá também a idealização da mãe, e, portanto, a deserotização da mãe-mulher, o que acaba por criar os conflitos e angústias anteriormente analisados.

Para desmitificar esta associação, surge uma questão mais ampla, que também requer reflexão e que é anterior à própria gestação. Trata-se da problematização da questão de gênero construída historicamente e que remete à inferioridade do gênero feminino. Abrir-se-ia, então, um caminho para uma possibilidade de realização das mulheres para além da maternidade; para que, junto com seus parceiros, pudessem vivenciar o que GIDDENS (1993) denomina de "sexualidade plástica", ou seja, uma sexualidade descentralizada e liberta das necessidades, imposições e sacrifícios da reprodução.

Uma vez trabalhadas entre o casal estas questões que dizem respeito ao significado que atribuem aos valores que lhe foram transmitidos sobre ser homem e ser pai, ser mulher e ser mãe, é que podemos visualizar o início da construção de uma estrutura mais adequada e fortalecida para se discutir a própria relação. Urge um diálogo autêntico que vise a intimidade do relacionamento afetivo e sexual de homens e mulheres no período de gestação de um filho. Além disso, em um sentido mais amplificado, que este diálogo autêntico possibilite o nascimento de uma transparência de ideais que converjam em projetos cujos objetivos se voltem à qualidade de vida em família; uma vez que, até hoje, apesar das transformações que já ocorreram na unidade familiar, a sociedade no seu dinamismo continua buscando re-significar valores, mitos, preconceitos e tabus a fim de encontrar uma maneira mais salutar para promover a compreensão acerca dos limites, e da incompletude que permeiam as relações humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERONI, F. *O erotismo*. Rio de Janeiro, Rocco, 1988.
- BADINTER, E. *Um amor conquistado – o mito do amor materno*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1991.
- BRUNS, M. A. T. e GRASSI, M. V. F. C. *Mulher e sexualidade: o desejo da continuidade*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, v. 4, n. 1, p. 88-103, 1993. São Paulo, Editora Iglu (Revista Indexada, ISSN 0103-6122).
- BUBER, M. *Eu e tu*. São Paulo, Moraes, 1974.
- CABRAL, J. T. *A sexualidade no mundo ocidental*. São Paulo, Papirus, 1995.
- CHAUÍ, M. *Repressão sexual – Essa nossa (des)conhecida*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

- CONCEIÇÃO, I. C. C. *Gravidez e sexualidade*. In: Sexologia-II. São Paulo, Roca, 1986.
- GIDDENS, A. *A transformação da intimidade/Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, Editora UNESP, 1993.
- GIORGI, A. e col. *Phenamenology and Psychological reserach*. Pittsburg, Duquesne University, 1985.
- GUEDES, M. E. F. *Gênero – o que é isso?* Revista Psicologia: Ciência e Profissão. "Imagens de mulher", n. 1, 2, 3 – ano 15, p. 4-11, 1995. Conselho Federal de Psicologia.
- MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. *A pesquisa qualitativa em Psicologia – Fundamentos e recursos básicos*. São Paulo, Moraes, 1994.
- RAGO, L. M. *De Eva a Santa, a dessexualização da mulher no Brasil*. Campinas, 1984. Dissertação (mestrado) – Departamento de História – Univ. de Campinas.
- SARTI, C. A. *Reciprocidade e hierarquia: relações de gênero na periferia de São Paulo*. São Paulo, *Cadernos de Pesquisa*, nº 70, Ago. 1989, p. 38-46.
- TRINDADE, E. e BRUNS, M. T. *Adolescentes e paternidade: um estudo fenomenológico*. Ribeirão Preto – São Paulo, Holos, 1999.